



Educação em Revista - UFMG

ISSN: 0102-4698

revista@fae.ufmg.br

Universidade Federal de Minas Gerais
Brasil

Hunger, Dagmar; Mayumi Nozaki, Joice; Martins Pereira, Juliana; Ross, Fernanda
O DILEMA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA
Educação em Revista - UFMG, vol. 30, núm. 3, julio-septiembre, 2014, pp. 335-354
Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=399360939015>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

O DILEMA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA¹

Dagmar Hunger*

Fernanda Rossi**

Juliana Martins Pereira***

Joice Mayumi Nozaki****

RESUMO: Objetivou-se analisar como um grupo de professores universitários conceitua a Extensão Universitária, ou melhor, como avalia tal função no cotidiano das ações docentes. Discutiu-se o material empírico (entrevistas) com base na teoria de Norbert Elias, interpretando-se as forças específicas compulsivas no jogo universitário. Constatou-se que os professores entrevistados se baseiam em grupos de intelectuais que jogam e se perdem entre as funções do ensino, da pesquisa e da extensão, e assim medem as suas forças. Ora buscam na força da pesquisa o reconhecimento acadêmico ou, então, criticam a Extensão sem envolvimento com pesquisa ou, ainda, são favoráveis à Extensão e propõem a modificação do mundo circundante por intermédio da Extensão, defendendo-a por garantir melhor formação profissional. Concluiu-se que a Extensão Universitária é um dilema acadêmico, ou melhor, evidenciam-se tentativas de resoluções, mas ainda nenhuma delas plenamente aceitável pela totalidade da comunidade acadêmica.

Palavras-chave: Universidade. Extensão Universitária. Docentes.

* Professora Adjunta do Departamento de Educação Física/FC da Universidade Estadual Paulista, Câmpus de Bauru e orientadora no Programa de Pós-graduação em Ciências da Motricidade da Unesp Rio Claro. Bolsista Produtividade CNPq PQ-2 E-mail: dag@fc.unesp.br

** Professora Doutora do Departamento de Educação/FC da Universidade Estadual Paulista, Câmpus de Bauru. E-mail: fernandarossi@fc.unesp.br

*** Professora Mestre da Faculdades Integradas de Bauru. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Motricidade. E-mail: juliana_pereira@hotmail.com

**** Professora Mestre da Universidade Nove de Julho. E-mail: joicenozaki@yahoo.com.br

UNIVERSITY EXTENSION DILEMMA

ABSTRACT: This study aimed to examine on how a group of professors conceptualizes University Extension Programs, better yet, on how this function on daily teaching practices is evaluated. The empirical material (structured interviews) was discussed based on the theory of Norbert Elias, by interpreting the compulsive specific power in the university set. It was found that respondents are based on groups of intellectuals who compete and fall behind among teaching functions, research and extension programs and thus measure their competence. At times they pursue from the research strength their academic recognition, hence, they criticize the extension program without getting involved with research, or yet, they are in favor to extension program by proposing modification of the surrounding world through it. Altogether the extension program will ensure a better professional training. It was concluded that the University Extension program is an academic dilemma, or rather, there is evidence of attempted resolutions, but still not a single one was fully acceptable by the entire academic community.

Keywords: University. University extension programs. Professors.

INTRODUÇÃO

A Universidade Pública, até fins da década de 1960, configurava-se como uma instituição de ensino. A sala de aula, a relação professor e aluno era o espaço por excelência dessa atividade acadêmica. Entretanto, na segunda metade da década de 1960, com a Reforma Universitária (lei n.º 5.540/68) evidencia-se a inversão dessa tendência tradicional, convertendo-se a pesquisa em sua atividade principal. O corpo docente deveria exercer atividades inerentes ao sistema, articulando, de maneira indissociável, o ensino à pesquisa e esta à pós-graduação.

No entanto, nos estatutos das Universidades Públicas, é também estabelecida, além das funções específicas de Ensino e Pesquisa, a Extensão Universitária. Cabe ao professor universitário criar, desenvolver, organizar, preservar, transmitir o saber acadêmico-científico e a cultura, por meio do ensino e da pesquisa, para formar profissionais aptos ao exercício da investigação científica, para o desempenho do magistério e das demais profissões, articulando-se ainda, com a comunidade, na busca do desenvolvimento de suas atividades acadêmicas.

A Extensão Universitária, na década de 1980, apresenta-se como uma possibilidade viável para dar suporte a uma concepção de

Universidade que a concebe como um instrumento que viabilizaria a transformação da sociedade. A Extensão é, portanto, assumida como “um processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre universidade e sociedade” (GARRAFA, 1987/1988, p. 109).

O discurso que se constrói sobre Extensão Universitária quer apontar para a superação da dicotomia até então existente entre a Pesquisa e o Ensino. A Extensão Universitária articularia o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e, portanto, viabilizaria a relação transformadora entre Universidade e Sociedade.

Dada tal constatação na literatura, objetivou-se analisar como um grupo de professores universitários conceitua a Extensão Universitária e seus significados, ou seja, averiguar como avalia tal função no cotidiano de suas ações docentes na Universidade.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Analisou-se o material empírico, com base na teoria de Elias² (1980, 1994), interpretando-se as forças específicas compulsivas no jogo universitário, verdadeiras teias de interdependências ou configurações que agem sobre os professores universitários e que, essencialmente, modelam suas ideias experienciadas no meio acadêmico. Isso significa dizer que as ideias e os ideais dos professores universitários resultam das diferentes configurações nas quais estão imersos. Conforme o pensamento de Elias (1980), as pessoas (no caso, professores universitários) modelam suas ideias a partir de todas as suas experiências e, essencialmente, das experiências que tiveram no interior do próprio grupo. Assim, é preciso entender as interconexões e configurações elaboradas por elas; tais configurações são formadas por grupos interdependentes de pessoas (professores universitários), organizados coletivamente e não por indivíduos singulares³.

Conforme Elias e Scotson (2000), na obra *Os estabelecidos e os outsiders*:

Dizer que os indivíduos existem em configurações significa que o ponto de partida de toda investigação sociológica é uma pluralidade de indivíduos, os quais, de um modo ou de outro, são interdependentes. Dizer que as configurações são irredutíveis significa que nem se pode explicá-las em termos que impliquem que elas têm algum tipo de existência independente dos indivíduos, nem em termos que impliquem que os indivíduos, de algum modo, existem independentemente delas. (p. 184)

Destaque-se que tais perspectivas de análise foram possíveis especialmente porque um grupo de professores universitários creditou à pesquisadora seus testemunhos. Agradecimentos aos professores entrevistados pela sua total atenção, pois suas entrevistas possibilitaram um novo ângulo, uma visão mais completa do fenômeno estudado. A coleta dos depoimentos se deu por meio da realização de entrevistas semiestruturadas com dez docentes (P1 a P10) de duas instituições públicas (U1 e U2) do interior do estado de São Paulo.

Interrogá-los, mediante fonte oral, significou colocar a questão da Extensão Universitária em *xeque* e, ainda, registrar no tempo presente o papel de um grupo de docentes na história das relações entre as forças intelectuais, políticas, econômicas e sociais da Universidade. A preocupação foi compreender o tempo presente, acreditando que o estudo da história do pensamento intelectual deva ser empreendido na perspectiva de diagnosticar as relações que um determinado grupo tem assumido no desenvolvimento de uma função específica: a Extensão Universitária.

A pesquisadora, acreditando na diversidade e riqueza de informações que a fonte oral possibilita, realizou as entrevistas aqui analisadas, em que se formularam perguntas, de acordo com um roteiro semiestruturado, com o objetivo de obter dados para a investigação da Extensão Universitária. Num processo de comunicação e de relação social, aqui está um documento oral – escrito, originário de diálogos intrigantes estabelecidos entre a pesquisadora e dez professores universitários.

Buscando a objetividade, na subjetividade de cada professor universitário e na da própria pesquisadora, procurou-se trazer, por meio das evidências orais específicas, as informações sobre como se coloca no pensamento do professor universitário a questão da Extensão Universitária. Agora escritas, tais informações, podem ser confrontadas, possibilitando o esclarecimento de parte do processo da história da Extensão Universitária. Aqui estão os depoimentos referentes à Extensão Universitária – vividos, sentidos e percebidos por professores universitários que participam do convívio universitário acadêmico, portanto as representações que fazem dessa função na Universidade, narrada segundo seus valores. Buscou-se a constituição objetiva da visão dos professores (as) e do contexto no qual estes estão inseridos.

São professores (as) comuns que universalizam, por meio de seu cotidiano acadêmico e de suas ações, a época histórica em que vivem na

universidade e que, portanto, apresenta a imagem que têm de seu grupo, de seu meio e, em última instância, a essência de seu tempo. Como diria Lefebvre (apud LE GOFF, 1996, p. 539): “não há notícia histórica sem documentos, pois se dos fatos históricos não foram registrados documentos, ou gravados ou escritos, aqueles fatos perderam-se”.

A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM XEQUE

Procurou-se investigar os significados da Extensão no final da década de 1990, a fim de permitir que se evidenciassem os determinantes que levaram às práticas e concepções atuais. Com isso, foi possível entender as considerações dos professores entrevistados, pois, como grupo representativo do meio universitário, concebem essa função no seu cotidiano, no seu funcionamento efetivo na vida acadêmica, como resultado da ação coletiva que vem se dando no processo histórico-social da Universidade.

Isso significa dizer que os professores deram depoimentos de acordo com determinados grupos de intelectuais que vêm elaborando um estilo peculiar de pensar a Extensão, segundo discursos que defendem o problema da relação entre a Universidade e a Sociedade no âmbito da Extensão Universitária, cabendo a esta o papel de responder ao compromisso social da Universidade. No pensamento dos professores, a Extensão é a principal responsável por articular e/ou complementar o ensino e a pesquisa:

[...] A Extensão Universitária tem a função de contribuir para o aprofundamento dos estudos do graduando e garantir uma melhor formação profissional. E, ainda, é um reforço para alunos já formados”... Possibilita melhores condições para a realização de pesquisas e favorece para um ambiente de ensino, em que este fosse possível de ser experimentado na prática. (professor 1 – U1)

Acho que o serviço de Extensão à comunidade é uma complementação curricular. (professor 5 – U1)

É um tipo de laboratório. [...] Dar suporte às disciplinas, dar suporte aos alunos para atuarem [...] Dentro da Extensão pode sistematizar a produção do conhecimento através da pesquisa e pela Extensão dar à sociedade oportunidade dela vir à Universidade. (professor 6 – U2)

Passa a ser extensão a partir do momento que você tenha aluno de graduação e de pós-graduação fazendo a intervenção com esta população e a partir daí você está gerando pesquisa, formando profissional. (professor 7 – U2)

Eu acho que é importante para o graduando, porque ele está aprendendo, porque nem todo mundo conhece esta diversificação que ela possui de trabalho e é importante, também, porque ela dá sustentação à pesquisa, ao próprio crescimento da área enquanto ciência. (professor 10 – U2)

Os professores entrevistados são componentes de um grupo que coopera entre si e compete com os demais, diversamente organizados, contrários à Extensão. Esses criticam a Extensão sem envolvimento com pesquisa. Os professores entrevistados, favoráveis à Extensão, segundo o discurso do grupo a que pertencem, propõem a modificação do mundo circundante por meio da Extensão, defendendo-a por estar garantindo melhor formação profissional. A relação teoria e prática, o desenvolvimento de pesquisas, uma melhor estrutura física e o oferecimento à comunidade de programas, bem como a possibilidade de reconhecimento da Universidade, são outros argumentos utilizados.

Acho que a pesquisa não pode ser apenas básica, ela tem que ser uma pesquisa aplicada. Se o professor faz pesquisa e não consegue voltar nem para o ensino e nem para a extensão, não vejo sentido. [...] A chefia do departamento dizia: não tem infraestrutura, não vamos oferecer o curso. Nós colocávamos: não existe a infraestrutura porque não existe o serviço de Extensão, se ele nunca for criado, a infraestrutura, também, nunca vai acontecer. (professor 5 – U1)

Eu, por exemplo, vou utilizar as equipes para uma pesquisa. (professor 6 – U2)

É nessa trama de forças sociais e intelectuais de discursos disseminados historicamente no âmbito universitário que se originam os modos de observar e pensar a Extensão, ou seja, os professores entrevistados incorporaram o papel milagroso atribuído à Extensão. Na prática da Extensão, estaria sendo recuperada a função social da Universidade e seu reconhecimento.

Acho que o papel da Universidade é o ensino, pesquisa e extensão. Com a extensão, tem condições de passar conhecimento e voltar para a sociedade esse conhecimento. (professor 6 – U2)

Dar ao nosso graduando esta oportunidade dele vivenciando isto, dele conseguir detectar estas falhas e tentar saná-las até durante o processo de graduação dele. (professor 10 – U2)

Seria a união da teoria com a prática, muito possível dentro dos serviços de Extensão à Comunidade. [...] É uma forma da Universidade estar sendo bem vista pela comunidade. Vire e mexe tem reportagem no jornal, televisão. (professor 5 – U1)

A investigação empírica, mediante entrevistas e análises, permitiu constatar que o pensar intelectual de um grupo de professores, em um momento histórico, está relacionado com as forças sociais e acadêmicas existentes no discurso universitário. Denota-se um grupo histórico-social que se apresenta como uma configuração interdependente, cujos pensamentos são a expressão do que tem se concebido na história da Extensão.

Mannheim (1950) afirma que não se configura em nenhuma época o processo pelo qual motivos sociais coletivos inconscientes se tornam conscientes, mas isso se dá numa situação muito especial e sociologicamente determinável, ou ainda, determinado problema só pode se tornar geral em épocas em que o desacordo é mais pronunciado. Enfim, novos modos de pensar não podem vir a constituir um problema em determinadas épocas, em que a estabilidade social sustenta e garante a unidade interna de uma concepção de mundo. Tal pressuposto induz a pensar a não efetivação, ainda, de novos modos de pensar entre professores universitários, pois, para eles, a Extensão vem garantindo o seu discurso pela transformação da Sociedade. Quais seriam, então, os processos transformadores que essa função tem possibilitado?

Na Universidade é possível mostrar o inter-relacionamento entre teoria e vida. A professora poderia explicar conhecimentos científicos para as crianças. A escola não dispõe de tanta condição comparada com a Universidade. (professor 2 – U1)

A concepção de Universidade, ainda, está voltada para a Extensão Universitária, como uma função útil na resolução de problemas administrativos e universitários, acadêmicos e sociais:

A infraestrutura começou a acontecer na medida em que pode cobrar alguma coisa da comunidade, por oferecer os cursos. (professor 5 – U1)

A Extensão seria uma forma de a gente tentar deixar de ser um sistema tão fechado e estar sujeito, também, a trocas. (professor 4 – U1)

Acaba sendo uma prestação de serviço à comunidade. Aí está o caminho da possibilidade social da atividade dentro da Universidade, o docente colocando-se à disposição da sociedade. (professor 3 – U1)

Acredito na prática da Extensão porque possibilita o desenvolvimento de projetos de pesquisa. (professor 2 – U1)

Se você não fizer esta ponte, você não vai lá, não vê os anseios e não pode vir para cá para produzir coisas que é o que a sociedade está precisando. (professor 6 – U2)

É uma forma de você captar recursos para desenvolver mais pesquisas, utilizar mais o ensino com recursos que nem sempre são suficientes através do Estado. (professor 6 – U2)

Parafraseando Mannheim (1950), para que ocorra uma mudança decisiva, necessita-se alcançar um estágio de desenvolvimento histórico em que os grupos acadêmicos (reitores, pró-reitores, professores, alunos, funcionários) e da comunidade, previamente isolados, comuniquem-se entre si, estabelecendo uma certa circulação social. A fase mais significativa dessa comunicação

será alcançada quando as formas de pensamento e experiência, até então desenvolvidas independentemente, penetrarem numa mesma consciência, levando-os a descobrir a incompatibilidade das concepções antagônicas, em relação ao que tem sido o pensar e fazer Extensão. Já existe certa detecção das falhas e incoerências, mas é só.

A Extensão funciona de maneira complicada. Fica distante das determinações ou das funções que deveria ter. (professor 2 – U1)

O Caderno de Extensão Universitária é lindo, as propostas são maravilhosas, mas não sinto que isto seja realidade no campus. (professor 2 – U1)

Não foi pensado num projeto único do departamento. Está na fase dos sonhos. (professor 3 – U1)

Não existe um coordenador de Extensão. (professor 6 – U2)

A minha experiência foi muito ruim com relação a Escola de Extensão. Eu acho que eles não tem uma política. (professor 9 – U2)

A conceituação da Extensão Universitária é resultante das experiências dos grupos envolvidos. A avaliação só será efetuada quando seu conteúdo não for mais suscetível de merecimento do consenso do alegado compromisso que a Universidade diz ter com a sociedade, via Extensão. Somente assim, sofrerá uma reinterpretação em termos do que tem sido sua função.

Na sociedade contemporânea, segundo Elias (1994), é difícil superar o sentimento de encarar os seres humanos como se fossem meros objetos, ou pior, estáticos; principalmente porque esse sentido de separação é reforçado por conceitos correntes na linguagem acadêmica – científica e no cotidiano social. Passou a ser usual afirmar que a sociedade é a *coisa* que os sociólogos estudam. Para o autor, isso tem impedido a compreensão da natureza dos problemas sociológicos.

Tomando-se por base essa interpretação, e o fato de alguns professores, nas entrevistas, empregarem a palavra *coisa*, permite-se inferir que, ao se pronunciarem sobre Universidade, Sociedade, Comunidade, Ensino, Pesquisa, Extensão, Reitores, Pró-Reitores, Administração Universitária, Alunos e os próprios Docentes visualizam o meio universitário circundante coisificado – objetos desvinculados e à parte do seu mundo acadêmico-social. Universidade, Comunidade, Sociedade, Professores, Ensino, Pesquisa, Extensão significam entidades extra-humanas, com suas leis próprias e, por conseguinte, independentes de sua ação docente.

Eu acho que na Extensão, a coisa está um pouco confusa. (professor 10 – U2)

Eu não vejo projeto estruturado mais amplo, é uma coisa assim, o que já se fazia de uma forma mais organizada. (professor 9 – U2)

Não se pode negar o estatuto e, que este está aí, também, para dar ordens as coisas, ou seja, tem um grande papel dentro da Universidade, que é manter as coisas funcionando. (professor 3 – U1)

Acho que essas coisas são bastante desarticuladas. (professor 4 – U1)

Acho que muitas coisas da Universidade não deveriam estar nas mãos dos professores. (professor 5 – U1)

Dificilmente conseguem perceber que são pessoas — professores (as) que constituem *teias de interdependência ou configurações* (termo já aplicado por Mannheim e aprofundado por Elias) de uma determinada concepção de Extensão Universitária e de que tal conceito está interligado e interfere no conhecimento que a comunidade e o próprio meio acadêmico têm da Universidade e Extensão. Ambas são corresponsáveis pelas formações dessas teias caracterizadoras da Extensão; nessa medida, fazem parte dos processos humanos e sociais representados por pessoas sujeitas às forças que as compelem, como diria Elias (1980), representam de fato forças exercidas pelas pessoas, sobre outras, e elas próprias. São interdependentes.

Elias (1980) defende que certas transformações sociais só se efetuam quando ocorre uma reordenação do discurso e do pensamento, partindo do pressuposto de que as pessoas modelam as suas ideias sobre todas as suas experiências e, essencialmente, sobre as experiências que tiveram dentro do seu próprio grupo. Assim, entende que é preciso promover a evolução de um pensamento e de uma imaginação social relativamente à percepção das interconexões e configurações elaboradas pelas pessoas, pois as configurações são formadas por grupos interdependentes de pessoas e não por indivíduos singulares.

Isso significa entender que a inovação linguística e conceitual sobre Extensão Universitária se dará somente com a compreensão dos professores (as) de suas configurações, processadas ao longo do tempo. É necessário primeiro se conscientizarem das contradições e inconsistências da Extensão Universitária, enquanto redentora dos problemas sociais e institucionais.

Entretanto, tal percepção configuracional pelos professores se torna bastante complexa, ao ser observado que, em virtude da especialização crescente, com a diferenciação de todas as atividades acadêmicas, a Universidade vem reduzindo os poderes potenciais entre os diferentes grupos universitários. Assim, Professores, Reitores, Pró-Reitores, Alunos, Funcionários e Comunidade formam cadeias de interdependência que se alargam e se tornam cada vez mais diferenciadas, consequentemente mais opacas e difíceis de ser controladas, seja por parte de qualquer grupo singular ou indivíduo.

Nas entrevistas, denota-se a falta de comunicação entre os diferentes grupos (sobretudo entre reitoria, pró-reitoria e professores), ou seja, o professor(a) responde por aquilo que acredita e faz até questão de dizer que é uma opinião pessoal e que não tem conseguido acompanhar a política de Extensão da sua instituição.

O problema da instituição está no fato de ser muito grande. É muito dividida, acho que essas discussões não aparece tão claramente. (professor 4 – U1)

Pelo que acompanho dos jornais da instituição, ainda acho a Extensão Universitária um pouco deslocada, não existe uma política ainda de Extensão Universitária dentro da instituição. (professor 5 – U1)

De acordo com a história, Elias (1994) explica que, na atualidade, justamente por serem tão discrepantes as exigências de atitudes das crianças em relação ao que se exige dos adultos, a criança já não aprende diretamente, servindo a um mestre adulto de sua futura função, como fazia o pajem de um cavaleiro ou o aprendiz de um mestre artesão, nas sociedades mais simples. O jovem é afastado da esfera dos adultos por um período longo, em que ainda continua a crescer, preparando-se para uma gama cada vez mais variada de funções, que já não são mais diretamente treinadas por adultos, mas indiretamente, em institutos, escolas e universidades especializadas, compostas por um corpo de adultos especialistas que o orienta em seus estudos.

Nas sociedades modernas, estão se tornando cada vez mais complexas e diversificadas as carreiras profissionais, com crescente aumento de especialização e exigência. Consequentemente, a preparação exigida e necessária para o desempenho das funções adultas também está se tornando mais prolongada e complexa. É nítida a ampliação do mercado de trabalho em vários campos profissionais e, por conseguinte, suas respectivas exigências. Como o ensino de graduação não está dando conta dessa função, tem cabido, então, à Extensão o papel de garantir melhor desempenho profissional.

Estudos como o de Nozaki (2009) demonstram o quanto a Extensão Universitária tem influenciado nesse processo de formação profissional. Ao analisar em sua primeira pesquisa: “as implicações do projeto de extensão universitária “Ensinando e Aprendendo Handebol” na formação/atuação do professor de Educação Física que atua em escolas, verificaram-se as inúmeras aprendizagens incorporadas pelos pesquisados neste projeto de extensão, e que estas são hoje utilizadas em seus cotidianos escolares. Os professores pesquisados aprenderam de modo geral: a elaborar planos de aulas e a pensar em cada aula; a ouvir, trocar experiências, elaborar aulas

em conjunto, a discutir e refletir sobre a prática, a desenvolver a responsabilidade, o compromisso e a trabalhar com o outro; a ensinar o handebol, conhecendo e aprimorando os seus conhecimentos, aprendendo estratégias, desenvolvendo envolvimento e segurança para trabalhar com essa modalidade na escola; dinâmicas de trabalho e reflexões formativas que proporcionaram o primeiro contato do professor com o aluno; a expor o objetivo,; a oferecer feedback na aula; a fazer avaliação diagnóstica,; a lidar com questões imprevisíveis; a ter uma visão mais crítica; a criar estratégias dinâmicas e motivantes; a transmitir valores,; a ter segurança para lecionar, além de ter estimulado a aproximação da Universidade com a escola mediante pesquisas sobre as ações realizadas.

Em continuidade a esta investigação, Nozaki (2012) realizou uma nova pesquisa que analisou os significados e as implicações da Extensão Universitária na formação inicial e na atuação dos profissionais de Educação Física, apresentando inúmeras implicações que foram aprendidas pelos ex-graduandos durante suas vivências extensionistas, as quais os auxiliam em seu cotidiano profissional como: metodologias e didáticas de trabalho; adaptação de materiais e espaços; segurança para atuar como profissional; sistematização de aula; adequação dos objetivos das aulas às necessidades dos alunos e a relacionar a teoria com a prática. Os profissionais investigados por Nozaki (2012) enfatizam que a maioria das vivências da Extensão Universitária na formação inicial refletiram na atuação profissional na atualidade, além de auxiliar na formação pessoal, profissional e acadêmica.

Essa pesquisa demonstra que a Extensão tem auxiliado na melhora do desempenho profissional, mas, como lembra Golin (2006), isso não quer dizer que o projeto seja a salvação para todos os problemas, mas projetos dessa natureza possibilitam outras aprendizagens e uma valiosa aproximação da práxis cotidiana. Além disso, podem proporcionar diversas contribuições para a formação e para a atuação dos profissionais na atualidade.

Desse modo, as críticas relacionadas à fragmentação das disciplinas acadêmicas e o excesso de formação teórica, levaram os professores entrevistados a direcionar para a Extensão a responsabilidade por garantir o elo teoria e prática, tão necessário para a atuação profissional:

A teoria é muito importante, mas não se faz sem a prática. Princípios teóricos são compreendidos de forma melhor quando aplicados à prática. (professor 1 – U1)

Com o projeto de Extensão pode mostrar para os alunos de graduação (licenciatura e bacharelado) qual é o trabalho que pode ser realizado no processo

ensino-aprendizagem do fundamento. (professor 2 – U1)

Os alunos utilizam das práticas que são oferecidas, para ter uma vivência prática das coisas, conseguindo unir a teoria e a prática. (professor 5 – U1)

Nós tentamos ver com a Extensão que ele [o aluno] tenha a parte de vivência prática dentro da Universidade. (professor 6 – U2)

No meu entender, o currículo está deficitário, ele teria que ter mais vivência, experimentando os conteúdos teóricos. (professor 9 – U2)

Elias (1994) explica, ainda, que em sociedades primitivas, numa tribo inteira podia ser desenvolvido um sistema de pesca e troca de seu excedente, de maneira sistemática, pelos frutos e raízes comestíveis de outra tribo. Em síntese, pode-se dizer que é bastante diferente dos dias atuais. A criação de universidades centralizadas em estados nacionais propiciou a geração de funções de coordenações especializadas, com variedade de departamentos, cargos e atividades.

Acho que a Universidade tem tantos objetivos que fica difícil para um docente abraçar todos. (professor 5 – U1)

O professor se depara com toda a questão burocrática da Universidade, que é difícil de lidar e romper. (professor 3 – U1)

Um dos professores entrevistados (professor 4 – U1), ao contestar que a lógica do conhecimento acadêmico-científico é o oposto do cotidiano profissional, comprova os estudos de Elias (1994), quando avalia que a ação docente se volta para a orientação preponderante da biologia e da ciência médica, em que o organismo tem sido visto, em isolamento. Isso tem favorecido a impressão de que o organismo humano singular – ou, como se costuma identificá-lo, o corpo de um ser humano, tal como é estudado nas aulas de anatomia e examinado pelos médicos – funciona como modelo real do que se entende por indivíduos. O organismo isolado passa a ser considerado como real, e a vida comunitária das pessoas, sua sociedade, suas estruturas e processos afiguram-se, em contraste, como não sendo dados pela natureza e, portanto, não sendo efetivamente reais.

A lógica que permeia o trabalho científico, a pesquisa dentro da Universidade e a lógica que permeia o profissional são diferentes. (professor 4 – U1)

Quando professores entrevistados usam os termos universidade, comunidade, *dentro, fora, muro*, ou mesmo quando afirmam que está na Extensão a oportunidade de se *abaixar o muro*, entrevê-se, como Elias, uma crítica à especialização acadêmica, que vem permitindo que se construa um arcabouço conceitual inadequado, para postular a natureza e a sociedade como opostos.

Isso significa dizer que as universidades continuarão isoladas, principalmente no que se refere à análise científica, enquanto os indivíduos forem encarados como “eus desprovidos de um nós e não se entender adequadamente o papel da balança nós-eu, do ideal-do-nós e da identidade-nós nos sentimentos e comportamentos individuais” (ELIAS, 1994, p. 57).

As mudanças estão ocorrendo lá fora, a sociedade como um todo, as transformações são muito rápidas, e essas transformações não chegam a entrar aqui. (professor 4 – U1)

Você quebra um pouco essa mística da Universidade, que são esses muros da intelectualidade. Você quebra isso aí, trazendo gente para dentro. (professor 7 – U2)

Significa, então, entender que só será possível compreender muitos aspectos do comportamento ou das ações da Universidade pelo estudo do tipo da sua interdependência, das configurações que formam com os indivíduos da sociedade.

O problema levantado por Elias (1980) é que, ao se tentar compreender as teias humanas, a língua corrente ainda obriga o indivíduo a falar e a pensar como se todos os objetos de pensamento – incluindo as pessoas – fossem na realidade estáticos; considerando-os como se não estivessem implicados em relações. Entretanto, uma pessoa está em constante movimento; ela não só atravessa um processo, ela é um processo. Nas entrevistas, é visível que indivíduo, universidade e sociedade são objetos, coisas separadas como as mesas, cadeiras, carteiras e os gabinetes dos professores.

A teoria deste autor permite também refletir que a realidade universitária é a imagem de uma multidão de pessoas, cada uma delas constituindo um processo aberto e interdependente. Logo que entra na Universidade, todo professor e indivíduo da comunidade começam a jogar com os outros. Cada professor e indivíduo é um entre os outros e fruto de todas as consequências que daí advêm.

A função que o pronome *eu* professor(a) desempenha na comunicação universitária só pode ser compreendida no contexto de todas as outras posições relativamente aos demais professores(as) e à comunidade. O professor não se pode colocar independentemente da sua posição dentro da trama de relações em que está. Conforme Elias:

[...] nunca podemos considerar as pessoas como seres singulares e isolados; temos sempre que as encarar inseridas em configurações. Um dos aspectos mais elementares e universais de todas as configurações humanas é o de que cada ser é interdependente [...]. Não há ninguém que nunca tenha estado inserido numa teia de pessoas [...]. A concepção que cada um de nós tem destas configurações é uma condição básica para a concepção que cada um tem de si

próprio, como pessoa isolada. O sentido que cada um tem da sua identidade está estreitamente relacionado com as ‘relações de nós’ e de ‘eles’ no nosso próprio grupo e com nossa posição dentro dessas unidades que designamos por “nós” e “eles”. (1980, p. 139)

Elias (1980) diz que, a partir do momento em que quatro pessoas se sentarem à volta de uma mesa e jogarem cartas, formam uma configuração, e as suas ações são interdependentes. Isso faz pensar que existe uma configuração significativa entre professores universitários e, portanto, um padrão mutável criado por esse conjunto de professores (jogadores), não só pelos seus intelectos, mas pelo que eles são no seu todo, na totalidade das suas ações, nas relações que sustentam uns com os outros na Universidade. A configuração forma um entrinçado flexível de tensões entre professores que apresentam críticas à Universidade, mas não denotam atitudes que sustentem mudança de direção à tão idealizada relação Universidade e Sociedade.

Não se pode deixar de explicitar que existem as ligações políticas e econômicas entre Governo e Universidade, em que as lutas pelo poder universitário surgem em função do equilíbrio mutável de ganhos e perdas, expressos na distribuição de possibilidades que os membros de um determinado grupo têm de controlar e de comandar o decurso da Universidade. Dessa forma, aqueles que têm acesso e que ocupam posições de coordenação (pró-reitorias de Extensão) disporão de grandes possibilidades de poder. De acordo com o autor em referência, embora a integração e a coordenação das posições sociais sejam indispensáveis, um dos problemas principais em sociedades altamente diferenciadas é o de como manter um controle institucional efetivo sobre elas. Como pode ser assegurado socialmente que aqueles que ocupam tais posições estão com disposição e com coragem coletiva para reestruturar a Universidade? Ou estão respondendo, em grande parte, por suas funções rotineiras para os seus próprios fins?

Ter a certeza dessas respostas significa acreditar na evolução social da Universidade, que está relacionada com as alterações na interdependência humana e com mudanças dos próprios professores e comunidade.

De acordo com os Modelos de Competição de Elias⁴, pode-se pensar que os modos como se entrelaçam os fins e as ações dos professores apresentam, conforme as entrevistas, o jogo da Universidade que se desenvolve e se baseia em grupos de intelectuais que jogam e se perdem entre as funções do ensino, da pesquisa e da

extensão e assim medem as suas forças. Ou melhor, buscam na força da pesquisa o reconhecimento acadêmico.

O projeto de Extensão não tem ressonância a nível de Instituição. Vale muito mais sentar no gabinete, escrever um texto e publicar, do que tocar um projeto de Extensão. A publicação vai melhorar o meu status acadêmico. (professor 2 – U1)
A briga para se dar algum valor para a Extensão é grande e a Extensão não tem o seu devido valor. (professor 7 – U2)

O jogo do poder é uma ocorrência no cotidiano universitário, como característica de todas as relações do meio acadêmico.

Como as entrevistas demonstraram, o poder universitário está centrado na produção científica. A “força relativa dos professores” está em responder ao poder da pesquisa e em conseguir o título de doutor. Não existe a busca de um equilíbrio entre os grupos que trabalham em prol do ensino, da extensão e da pesquisa e, muito menos, uma configuração que busca suas inter-relações entre si e com a sociedade, tendo como eixo condutor o conhecimento científico:

Eu vejo que dentro da função docente, o que eu vejo que é mais importante na Universidade, é a titulação. (professor 6 – U2)

Para o cargo de coordenações, a exigência mínima é o título de doutor. (professor 6 – U2)

No meu concurso de livre-docência, estou precisando comprovar tudo em termos de publicação. (professor 2 – U1)

A Universidade prima pela formação de docentes – titulação. (professor 3 – U1)

No meu relatório de pesquisa, no meu relatório trienal, se eu não colocar um número x de publicações, eu estou desvalorizado. (professor 7 – U2)

Os professores representam forças coercivas que os grupos exercem um sobre o outro, devido à sua interdependência na Universidade. Tal coerção pode ser observada nas entrevistas, quando professores, em suas falas – demonstram que se sentem coagidos por terem de conquistar a titulação acadêmica de mestre e doutor. Justificam que é por esse motivo que se distanciam da comunidade, deixando de avaliar se não é realmente pelo que estão pesquisando:

A titulação prejudica o trabalho de Extensão. Eu acabei fechando a minha Extensão, porque não tinha tempo de fazer as três coisas. (professor 5 – U1)

Os professores tinham que buscar a titulação. (professor 6 – U2)

É um departamento muito novo e em busca da titulação. Na medida que está em formação, não está preocupado em fazer trabalhos com a comunidade. (professor 3 – U1)

Elias considerou uma série de modelos de jogos com regras, desde um primeiro modelo simples, entre duas pessoas, sendo uma delas muito superior à outra; um segundo modelo, no qual a diferença de força diminui; jogos de um indivíduo contra outros e de vários indivíduos (num mesmo nível ou em níveis diferentes). O que é comum a todos os modelos é o fato de “em todos os jogos os participantes têm de exercer sempre um controlo mútuo”. Enfatiza ainda, que o conceito de poder não é absoluto, mas sim se refere a uma “proporção de poder”.

No modelo de jogos multipessoais de Elias, o número de participantes está crescendo, constantemente, tornando-se cada vez mais difícil ao jogador a constituição de uma representação mental do decurso do jogo e da sua configuração. Faltando-lhe tal representação, pode sentir-se perdido. Aqui está demonstrada a configuração atual da Universidade e da Extensão Universitária na visão dos professores universitários, que se apresentam confusos e indefinidos ao conceituarem essa função.

Não sei se a instituição tem priorizado isso. Olha, vamos ter uma fonte de recursos direcionada à Extensão. (professor 5 – U1)

Existe ainda uma confusão muito grande. As pessoas às vezes confundem a Extensão com Serviço à Comunidade. (professor 5 – U1)

Na instituição, não percebo essa discussão, mesmo porque as áreas ditas tecnológicas não são muito fortes. (professor 4 – U1)

É uma questão de muita controvérsia. (professor 1 – U1)

Acho que tudo que foge da graduação é Extensão. (professor 6 – U2)

Até uns tempos atrás, a própria unidade não tinha muito claro o que era esse trabalho de Extensão. (professor 6 – U2)

A Extensão era como se dissesse assim: é uma prestação de serviço. Hoje, que se coloca mais a palavra Extensão em todas as prestações de serviço. (professor 6 – U2)

Existe uma concepção de Extensão um pouco de prestação de serviços pela Universidade. (professor 7 – U2)

A prestação de serviço está sendo encarada como uma atividade à parte na Universidade com contratos, e a atividade de Extensão está sendo uma atividade mais ligada à Educação. (professor 7 – U2)

Nós tivemos, agora, um estudo para tentarmos pontuarmos as atividades de Extensão aqui na instituição, neste estudo nós percebemos que há uma confusão muito grande na questão da Extensão. (professor 10 – U2)

O professor deveria estar em posição de ver essa configuração, de modo a poder definir claramente a Extensão. Entretanto, na

atualidade, a Universidade está se tornando cada vez mais complexa, e seu jogo está se tornando cada vez mais opaco para o professor. Significa dizer que somente quando este tiver consciência da sua impossibilidade em compreender e controlar este jogo, que está se tornando progressivamente mais desorganizado, poderá surgir uma pressão crescente entre os grupos, com vista à sua reorganização. Parece existir algum indício disso.

Aqui, o nosso departamento, que é a nossa coordenadoria de Extensão, que agora está com uma nova diretoria que está reformulando algumas coisas. Até então, ela era muito administrativa das coisas. Não existia nada assim, sabe, nada estruturado. (professor 9 – U2)

O decurso do jogo universitário constitui o produto de conceitos, concepções e ideias que se cruzam e é efetuado por um grande número de professores (as). Uma diferença de poderes, surgida entre estes professores, enfraquecendo-se gradativamente, poderá mudar a concepção que professores têm de Universidade e Extensão – ou seja, as suas ideias, os processos de discurso e pensamento com as quais tentam assimilar e dominar a sua experiência do jogo universitário.

É necessário que os próprios professores procurem compreender que a sua incapacidade de controlar o jogo universitário deriva da sua dependência mútua, das posições que ocupam enquanto jogadores e das tensões e conflitos inerentes a essa teia de ideias que se entrelaça na Universidade no que se refere às funções ensino, pesquisa, extensão e sociedade.

Mas, como diria Kourganoff (1990, p.97):

Apenas alguns raros indivíduos, por serem excepcionalmente dotados, são capazes de levar adiante simultaneamente um ensino elementar de alta qualidade e uma pesquisa verdadeiramente brilhante, e ainda se ocupar ativamente da gestão universitária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção ou projeto de outra Universidade refere-se a uma nova orientação de Extensão, Ensino, Pesquisa, Universidade, Sociedade, Ciência, Comunidade, Professor, Pesquisador, Alunos, Indivíduos e suas inter-relações; algo que opera em toda a amplitude universitária e social, do conhecimento acadêmico, científico e cultural e no modo de pensar sobre as orientações ideológicas de Universidade. Portanto, uma reforma resultante de uma orientação

político-cultural mais ampla. A Extensão não revela essa dimensão ampliada que, muitas vezes, os depoentes pretendem.

As Universidades Públicas, ao se articularem com a comunidade no desenvolvimento de suas atividades acadêmicas, nada mais fazem do que cumprir com suas obrigações sociais. “A Universidade não se integra, ela é parte da sociedade, formando com esta um só organismo que se caracteriza justamente pela comunicação entre os diferentes sistemas que a integram e compõem”, ressalta Silva na Proposta de Gestão de 1997 – 2001 da Universidade Estadual Paulista. Portanto, acredita-se que a proposta importante não é a eliminação da Extensão e, sim, a superação de suas concepções.

Assim, deve-se falar em Universidades de Pesquisa e Ensino que divulgam os conhecimentos e atendem os contínuos anseios científicos, educacionais, tecnológicos e sociais das comunidades. Universidades Públicas de Pesquisa e Ensino Científico devem assegurar que as atividades de pesquisa e educação sejam compatíveis com as necessidades e os interesses das comunidades.

Dos estudos de Botomé (1996), ficou muito claro que criar nos contextos acadêmicos e sociais esforços paralelos com a Extensão Universitária gera um processo de compensação do que não é realizado devidamente nos âmbitos de atuação do ensino e da pesquisa. O fato é que a Extensão não deve resolver o que o ensino de graduação, da pós-graduação e a pesquisa não vêm correspondendo suficientemente; deve, sim, compor o projeto Universidade, com a propagação do conhecimento científico. As diretrizes do ensino e a origem dos problemas de pesquisa devem ter vínculo com os anseios da sociedade.

Enfim, acredita-se, como o autor citado acima que, se pesquisadores, os professores que ensinam na graduação e na pós-graduação e os que coordenam tais atividades garantirem um processo de formação científica, tecnológica e cultural contínua com a população e de resolução de problemas que constituem os contextos sociais, progressivamente ter-se-á uma nova configuração da Universidade Pública como uma instituição social, de ensino e pesquisa.

REFERÊNCIAS

BOTOMÉ, S. P. *Pesquisa alienada e ensino alienante: o equívoco da extensão universitária*. Petrópolis: Editora Vozes; São Carlos: Editora da Universidade Federal de São Carlos; Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1996.

ELIAS, N. *Introdução à Sociologia*. Trad. Maria Luísa Ribeiro Ferreira. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1980.

- ELIAS, N. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- GARRAFA, V. (org.). *Extensão: a universidade construindo saber e cidadania: relatório de atividades, 1987/1988*. Brasília: Ed. UNB, 1989.
- GOLIN, C. H. Atividade de extensão em Educação Física: o discurso dos egressos do Projeto Criança Feliz FIFASUL. In: *Anais do Congresso da Faculdade de Ciências da Saúde e da Universidade Metodista de Piracicaba: 4º Congresso Científico Latino-Americano de Educação Física da Facis/UNIMEP - Formação e Prática Profissional*. Piracicaba: UNIMEP, v. 1, n. 1, tema livre dois, 2006.
- HUNGER, D. *A Universidade sob a ótica da Extensão Universitária: análise da função extensão universitária no pensamento do professor universitário de Educação Física*. 1998. 357f. Tese (Doutorado em Educação Física). Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.
- HUNGER, D.; ROSSI, F.; SOUZA NETO, S. A teoria de Norbert Elias: uma análise do ser professor. *Educação e Pesquisa*, v. 37 n. 4, São Paulo, dez. 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022011000400002>. Acesso em: 30/05/2014.
- KOURGANOFF, W. *A face oculta da universidade*. São Paulo: Editora Unesp, 1990.
- LE GOFF, J. *História e memória*. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- MANNHEIM, K. *Ideologia e utopia*. Porto Alegre: Globo, 1950.
- NOZAKI, J. M. A Extensão Universitária e suas implicações para a formação do professor de Educação Física que atua na escola. Trabalho de conclusão de curso (Especialização Lato Sensu em Educação Física Escolar) do Centro de Pós-Graduação e Pesquisa do Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas, São Paulo, 2009.
- NOZAKI, J. M. *Os significados e as implicações da Extensão Universitária na Formação Inicial e na Atuação Profissional em Educação Física*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) do Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2012.
- SILVA, A. M. S. *Proposta de gestão (1997 - 2001)*. Plano de gestão distribuído no processo de campanha para Reitor da Universidade Estadual Paulista. São Paulo: UNESP, 1996.

NOTAS

¹ Dados parciais da tese de doutorado intitulada “A Universidade sob a óptica da Extensão Universitária - A função Extensão Universitária no Pensamento do Professor Universitário de Educação Física”, de autoria de HUNGER, Dagmar, FEF: UNICAMP, 1998.

² Norbert Elias fugiu da Alemanha nazista para a Inglaterra nos anos 1930, tendo publicado, pela primeira vez, em 1970, seu livro *What is sociology?*. Sociólogo alemão, nasceu na cidade de Breslau (hoje chamada Wroclaw) em 1897, e morreu em Amsterdam, no ano de 1990. Trabalhou com Karl Mannheim em Frankfurt após ter estudado medicina, filosofia e psicologia nas Universidades de Breslau e Heidelberg. Foi professor de sociologia na Universidade de Leicester (1945-62), na Universidade de Gana (1962-64) e no Centro de Pesquisa Interdisciplinar de Bielefeld. Seu trabalho mais conhecido é o livro intitulado *O processo civilizador*, publicado, pela primeira vez, em 1939. Seu reconhecimento deu-se tardivamente, apenas em meados dos anos 1970, mas o transformou em um dos mais influentes sociólogos da contemporaneidade. A obra sócio-histórica do intelectual refere-se essencialmente a padrões mutáveis de interdependência relativamente às relações de poder entre os homens em sociedade. Os conceitos fundamentais do sociólogo foram construídos

a partir da identificação das limitações de perspectivas teóricas associadas, sobretudo, à teoria funcionalista do sociólogo Talcott Parsons e a certas versões do estruturalismo. Porém, para Elias, não são aceitáveis concepções sociais *totalizadoras* ou mesmo *individualistas* dos processos sociais. Para reordenar a compreensão da sociedade, ele considera que é preciso substituir a concepção tradicional desse modelo pelo entendimento de que as pessoas constituem *teias de interdependência ou configurações* de muitos e variados tipos, tais como famílias, escolas, cidades, camadas sociais ou estados. Estes, por sua vez, são apresentados num diagrama denominado *representação de indivíduos interdependentes* (ELIAS, 1980).

³ Conforme HUNGER, D.; ROSSI, F.; SOUZA NETO, S. A teoria de Norbert Elias: uma análise do ser professor. *Educação e Pesquisa*, v. 37, n. 4, São Paulo, dez.2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022011000400002>. Acesso em: 30/05/2014.

⁴ Para melhor compreensão dos Modelos de Jogo – Competição, consultar o capítulo 3, p. 77-112, do livro Introdução à sociologia de Norbert Elias.

Recebido: 15/02/2013

Aprovado: 30/05/2014

Contato:

Universidade Estadual Paulista – Câmpus de Bauru
 Faculdade de Ciências – Departamento de Educação Física
 Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, 14-01
 Bauru | SP | Brasil
 CEP 17.033-360

ERRATA

No artigo “**O dilema da extensão universitária**” publicado em Ahead of Print, de *Educação em Revista*.

Página	Linha	Onde se lê	Leia-se
1	2	Dagmar Hunger*	Dagmar Hunger* Fernanda Rossi** Juliana Martins Pereira*** Joice Mayumi Nozaki****